

## O EDIFÍCIO E A CIDADE: A RECONSTRUÇÃO A PARTIR DE UMA ARQUITETURA DE RESPONSABILIDADE URBANA

O grupo CP / 3. a documentação e análise de experiências didáticas pertinentes.

### **Autores:**

**FEHR, Lucas**

Graduação FAUUSP 1987; Mestrado FAUUSP, 1999; Doutorando FAUUSP.  
Docente FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie; CAU Universidade São Marcos ; CAU Escola da Cidade

**RUBANO, Lizete Maria**

Graduação FAU Mackenzie 1981, mestrado FAUUSP, 1992 e doutorado na FAUUSP, 2001. Docente FAU  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

**FIGUEROA, Mário**

Graduação FAU PUCC 1988, Doutorado FAUUSP 2002  
Docente FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie; CAU Belas Artes ; CAU Escola da Cidade

Endereço para correspondência

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Reitoria, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Rua da Consolação, 896 - Prédio 9

Consolação

01302-970 - São Paulo, SP - Brasil

Telefone: (11) 32368313

[lucasfehr@uol.com.br](mailto:lucasfehr@uol.com.br), [lmrubano@superig.com.br](mailto:lmrubano@superig.com.br), [mfigueroa@uol.com.br](mailto:mfigueroa@uol.com.br)

Professores da FAU Mackenzie que compõem a disciplina de Projeto VII e VIII: Hoover Sampaio, Renato Dal Pian, Júlio Artigas, Walter Silva, Carlos Leite, Maria Isabel Villac, José Paulo De Bem, Marcelo Barbosa, Candi Hirano, José Magalhães Júnior e Carlos Henrique Heck

# O EDIFÍCIO E A CIDADE: A RECONSTRUÇÃO A PARTIR DE UMA ARQUITETURA DE RESPONSABILIDADE URBANA

## RESUMO

Após a retomada contextualista das últimas décadas, o pensamento arquitetônico atreve-se novamente a assumir o enfrentamento da inserção de novos edifícios em contextos urbanos consolidados. Porém não se trata mais de uma abordagem positivista, através da imposição de uma nova ordem racional ou de uma cidade ideal como desejava o ideário moderno. Surge muitas vezes da simples originalidade programática.

Novas intervenções de caráter urbano que se fazem necessárias ciclicamente devem levar em consideração a sua condição complementar do espaço já constituído. O processo contemporâneo de projetos inseridos em contextos urbanos já não é mais a construção do objeto em relação a um conjunto, mas sim a complementação do espaço desse mesmo conjunto. Toda nova proposta arquitetônica deveria passar pela revisão do espaço construído e do espaço livre da cidade herdada. A intervenção não elimina o pré-existente, mas ao contrário o re-qualifica e se apóia nos parâmetros dados pelo contexto edificado, em uma articulação do novo com o antigo, através do estabelecimento de uma costura tanto dos edifícios quanto dos espaços livres e suas dinâmicas.

Tratamos de uma nova ordem que poderíamos chamar de edifícios de responsabilidade urbana. Implica obrigatoriamente no entendimento da imposição de reparar, de recompor, danos causados às nossas cidades e da impossibilidade da omissão perante o futuro.

Este ensaio apresenta a experiência desenvolvida na disciplina de projeto no 4º ano do Curso de Arquitetura e Urbanismo, atendo-se ao conteúdo programático e à reflexão acerca dos resultados obtidos.

O curso volta-se às possibilidades de se repensar áreas centrais em transformação da cidade de São Paulo, onde a avaliação das preexistências e a proposição de novas hipóteses espaciais e programáticas colocam-se a partir de um território urbano configurado historicamente e que passa a ser objeto de investigação frente às questões postas à cidade contemporânea.

## ABSTRACT

After the contextualist retaken of the last decades, the architectural thought dares to assume again the confrontation of the insertion of new buildings in consolidated urban contexts. However, a positivist approach is not treated anymore through the imposition of a new rational order or an ideal city as it desired the modern movement. Instead of it, it could appear many times just by the grammatical originality.

New interventions of urban character, cyclically necessary, must take in consideration its complementary condition of the consisting space already built. The contemporary process of projects insertion in urban contexts is not the construction of the object in relation to a set anymore, but the complementation of the preexisting urban space. All new architectural proposals would have to pass through the revision of the constructed space and the opened space of the inherited city. The intervention does not eliminate the preexisting one, but in contrast emphasizes its characteristics and is supported by the parameters given for the built context, in a joint of the new with the old one, through the establishment of a suture in such a way of the buildings as the opened spaces and its dynamics.

We deal with a new order that we could call buildings of urban responsibility. It obligatorily implies in the agreement of the imposition to repair damages to our cities and the impossibility of the omission before the future.

This essay presents the experience developed in disciplines of project in 4º year of the Course of Architecture and Urbanism, in relation to the content to it program and to the reflection concerning the gotten results. The course turns it the possibilities of if rethink central areas in transformation of the city of São Paulo, where the evaluation of the preexistences and the proposal of new spaces and grammatical hypotheses are placed from a historically configured urban territory and that passes to be object of inquiry front to the questions about the contemporary city.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Urbana ; Requalificação Urbana; Desenho Urbano

KEY WORDS: Urban Architecture; Urban Re-qualification; Urban Design.

## **O edifício e a cidade a reconstrução a partir de uma arquitetura de responsabilidade urbana**

É necessário entender que após a retomada contextualista das últimas décadas, o pensamento arquitetônico atreve-se novamente a assumir o enfrentamento da inserção de novos edifícios em contextos urbanos consolidados. Porém, esse enfrentamento não se trata mais de uma abordagem positivista através da imposição de uma nova ordem racional ou de uma cidade ideal como desejava o abstrato ideário moderno. Surge muitas vezes da simples originalidade programática.

Novas intervenções de caráter urbano que se fazem necessárias ciclicamente devem sempre levar em consideração a sua condição complementar do espaço já constituído. O processo contemporâneo de projetos inseridos em contextos urbanos já há tempos não é mais a construção do objeto em relação a um conjunto, mas sim a complementação do espaço desse mesmo conjunto. Toda nova proposta arquitetônica deveria passar pela revisão do espaço construído e do espaço livre da cidade herdada.

Tratamos talvez de uma nova ordem que poderíamos chamar de edifícios de responsabilidade urbana. A responsabilidade urbana implica obrigatoriamente no entendimento da imposição moral de reparar, de recompor danos e perdas causados às nossas cidades e da impossibilidade da omissão perante o futuro. Oferecer através de sua existência a possibilidade da desejada cidade igualitária.

### **1. Apresentando a disciplina**

As demandas presentes numa cidade como São Paulo estão, hoje, aparentemente polarizadas entre solicitações voltadas ao mais alto grau de urbanidade (instalação de equipamentos urbanos sofisticados tais como salas de concerto, museus especializados, centros multimídia, entre outros) e à mais precária urbanização nas regiões de baixa renda diferencial da cidade, quer sejam elas centrais ou periféricas.

Discussões coletivas são – em diferentes momentos das administrações públicas – implementadas no sentido de compreender as dinâmicas presentes (sociais, econômicas e espaciais) e , refletindo sobre elas, propor.

O patrimônio de uma metrópole passa pela importância histórica das edificações, pela função que elas abrigam e, muitas vezes, pela mais completa falta de qualidade arquitetônica, urbana e ou inadequação de atividades.

Refletir acerca destas questões presentes no território urbano é tema da disciplina de Projeto, apresentada aos alunos do 4º ano de graduação em Arquitetura e Urbanismo, tendo como perspectiva um exercício do objeto arquitetônico na escala da cidade.

Os critérios para escolha da área a ser investigada partem do pressuposto de sua importância na estrutura da cidade, por suas características de centralidade (da metrópole ou de bairro), por articular significativas infra-estruturas (ferrovias, metrô, equipamentos urbanos), por uma perspectiva iminente de transformação (aumento de densidade habitacional, investimentos públicos e privados) e também por ser objeto de discussão proposta (concursos públicos, por exemplo).

Foram trabalhadas, durante os últimos anos, áreas do Centro Novo e Centro Velho, Campos Elíseos, o Bairro da Luz, e centralidades como a do Bairro de Pinheiros, na zona oeste da cidade.

A partir da escolha do território de intervenção, algumas etapas de trabalho se desencadeiam:

- Uma visita é monitorada pelos professores na qual se destacam peculiaridades, edifícios de importância arquitetônica (tombados ou não pelo Patrimônio Histórico), pontos nodais, interfaces com as principais infra-estruturas existentes, modificações no desenho de quadra e viárias, os diferentes graus de urbanidade presentes (qualidade do espaço do pedestre, dificuldades de transposição de importantes eixos viários, ausência de espaços livres públicos, entre outros);
- Os estudantes, que trabalham em grupos de 15 alunos por professor, levantam e analisam a área em questão objetivando uma precisão no que se refere às condições do existente (físicas e de usos), a identificação dos tempos sobrepostos naquele tecido urbano, da obsolescência – ou não – das infra-estruturas, buscando identificar potencialidades de permanência ou possíveis transformações;
- As informações são mapeadas para que essa sistematização possa ser útil às discussões que são feitas a partir de então, com a perspectiva de se diagnosticar e propor;
- O conjunto de professores subsidia essas discussões mediante orientação aos grupos e aulas expositivas, organizadas a partir de temas identificados como fundamentais aos objetivos conceituais da disciplina como por exemplo: “Historiografia do desenho urbano”; “Existência coletiva e espaços públicos”; “Experiências internacionais”; a ideia da “Renovação Urbana” ao longo do tempo; temas presentes nas cidades contemporâneas (novos programas, fluxos, densidades, espaços da produção e espaços da vida cotidiana, etc.);

- Cada grupo de estudantes (de 6 a 7 grupos por turma), propõe um “*Master Plan*” tendo como referência uma volumetria ainda preliminar – hipóteses de intervenção que incluem decisões de permanência, valorização ou substituição de parte das estruturas existentes, tendo como perspectiva a realização de um ENSAIO PROJETUAL PARA A ÁREA, colocado em discussão no fórum da disciplina (conjunto de alunos e professores).

A partir desta primeira etapa (primeira metade do Projeto VII), o desenvolvimento do trabalho estrutura-se nas intervenções pontuais – projetos de edifícios habitacionais **Fig.01** (segunda metade do Projeto VII) e de equipamentos coletivos **Fig.02-04** (primeira metade do Projeto VIII) – desenvolvidos individualmente a partir das diretrizes colocadas pelo grupo.

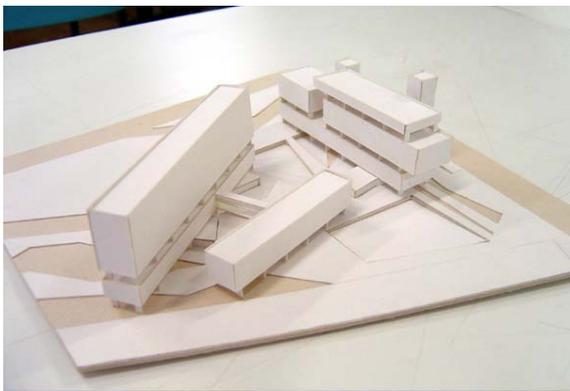


Fig.01 Bairro da Luz Habitação Coletiva 1 2005



Fig.02 Bairro da Luz Equipamento Coletivo 1 2005



Fig.03 Bairro da Luz Equipamento Coletivo 1 2005



Fig.04 Bairro da Luz Equipamento Coletivo 2 2005

Nestas etapas de trabalho, as hipóteses iniciais – relação de outra natureza entre espaços coletivos e públicos, proporção de áreas para o uso comum em relação ao domínio do privado, percursos propostos ao pedestre, criação e valorização de escalas - da vida cotidiana ao equipamento metropolitano de exceção, criação de novas possibilidades de transposição de barreiras urbanas,

articulação de infra-estruturas e recuperação das obsoletas, entre outras – devem ser retomadas e a elas atribuídas soluções espaciais e construtivas precisas.

Aqui, verifica-se, também, a possibilidade das densidades propostas inicialmente e uma “solução” espacial é atribuída às mais diferentes questões presentes nos programas habitacionais e de edifícios de exceção a partir de temas, tais como:

- A relação com a cidade existente;
- Estratégias de apropriação do território;
- A unidade urbanística;
- Morfologia urbana como tema de investigação;
- Tipologias arquitetônicas como tema de investigação;
- Relação entre espaço público, coletivo e privado;
- Sistemas de acesso e circulação;
- Tipologias da unidade habitacional: diversidade e produção;
- Revisão programática;
- Áreas livres e espaços coletivos: novas configurações.

As hipóteses projetuais para a área são, finalmente, verificadas, quando os projetos desenvolvidos individualmente são retomados a partir das diretrizes iniciais e voltam a compor o conjunto urbano que, por princípio, deveria resultar articulado e propositivo, tanto no que se refere às estruturas a serem preservadas e mantidas quanto às alterações significativas que colocam situações novas no que se refere aos aspectos de densidade, percursos, paisagens, marcos, funções e dinâmicas urbanas (segunda metade do Projeto VIII) **Fig.05-09.**



Fig.05 Bairro da Luz Grupo A 2005



Fig.06 Bairro da Luz Grupo C 2005



Fig.07 Bairro da Luz Grupo D 2005



Fig.08 Bairro da Luz Grupo E 2005

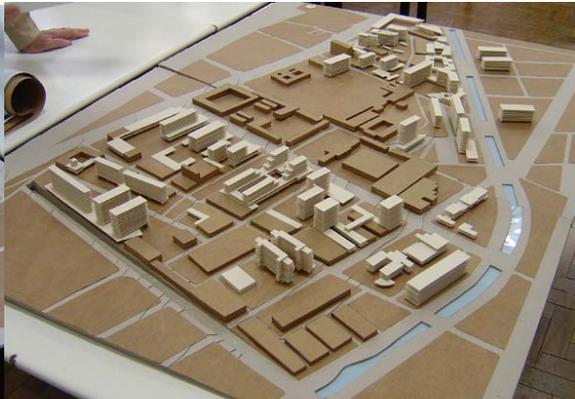


Fig.09 Bairro da Luz Grupo F 2005

## 2. Alguns dos resultados: comentários possíveis.

Ao longo desta experiência de alguns anos na disciplina, podem-se observar alguns resultados que poderiam ser registrados para discussão:

- A quadra, como unidade urbana de referência, é – em geral - mantida mas reestruturada a partir de alguns referenciais, ainda essencialmente modernos;
- O tema da cidade sem lotes, proposta pelo exercício, traduz-se pela cidade permeável: “abrem-se” as quadras para o passeio do pedestre e para a criação de outras possibilidades- coletivas e públicas - de espaço urbano , impossíveis quando da justaposição de lotes lado a lado. Essa proposta atribui qualidade e amplia o grau de urbanidade do lugar, mas tem se constituído como estratégia única, sem variação;
- É muito freqüente a introdução do espaço contínuo viabilizado pelo pilotis, que libera parcialmente os térreos articulando vias e interior da quadra;
- Há uma grande dificuldade em atribuir significado (forma e uso) aos espaços livres gerados a partir das novas intervenções;
- Limites urbanos de grande complexidade (vias expressas, elementos de topografia, rios e linhas ferroviárias) acabam por definir fronteiras para a intervenção proposta, teórica e espacialmente;
- A criação de novas “topografias artificiais” (território artificial) surge, por vezes, como hipótese de transformação mais radical da área, considerando-se outras escalas e possibilidades outras de interface entre as cotas altimétricas (importante numa cidade como São Paulo) ;
- Dificuldade no agenciamento do que poderíamos chamar de “espaços de transição”, ou seja, o resultante entre as edificações (ou estruturas de outra natureza) existentes e as novas;
- As “dinâmicas urbanas” (funções, desvalorização de áreas e degradação dos edifícios, segregação social, fluxos, diversidade cultural, memória, entre outras) são pouco incorporadas como preexistências e hipóteses importantes às intervenções;
- O repertório (ou linguagem) espacial e construtivo é, essencialmente, moderno, com pouca especulação e pouca utilização de pesquisas mais contemporâneas;

- A habitação coletiva introduz, em geral, pela escala dos projetos (boa parte laminares com dimensões importantes) uma outra gradação ao espaço doméstico, mas também é o tema que mais se articula às estruturas existentes;
- É pouco presente a investigação voltada ao que poderiam ser programas outros, em consonância com o tempo de hoje e voltados, talvez, à dualidade a que nos referimos anteriormente.

Vale destacar, entretanto, que mesmo identificadas questões importantes que acabam por limitar o exercício projetual, ainda assim, dada a dimensão das áreas propostas e a condução no sentido de se relativizar o papel do objeto arquitetônico autônomo elevando-o a responsável por relações urbanas significativas, a disciplina acaba por gerar um método de projeto e uma reflexão acerca das relações que cada intervenção pressupõe e desencadeia que, avaliamos, ser de fundamental importância à formação profissional.

### **3. Sugestão de questões para discussão**

Muitas questões têm surgido a cada semestre em que a disciplina é ministrada: a partir das diferenças de resultados que se obtêm frente às áreas escolhidas; a partir das discussões que surgem dos “estímulos teóricos” que as aulas expositivas podem proporcionar; a partir mesmo das hipóteses de espaços essencialmente urbanos a que a disciplina propõe-se discutir.

Entretanto, o destaque de algumas dessas questões se faz necessário para contribuir à discussão da experiência do ensino de projeto, que muito pouco se faz, com grandes prejuízos a uma avaliação constante assim como a troca dessas experiências.

- Uma das questões que nos parece presente e importante é a da não apropriação do referencial da historiografia voltada ao desenho da cidade, na escala do desenho urbano no momento do desenvolvimento da proposta projetual: dificilmente uma referência histórica (cidade jardim, o significado da ocupação perimetral da quadra na experiência holandesa ou espanhola, por exemplo) é utilizada claramente como hipótese teórica ao projeto;

- A cidade contemporânea (novas demandas, agentes, dinâmicas, especificidades) é muito pouco contemplada no projeto, quer pelo entendimento insuficiente das condições das cidades brasileiras hoje, quer pela não especulação do que elas poderiam vir a ser;
- Existe uma lacuna perceptível e drástica, no que se refere à continuidade do debate e da arquitetura no Brasil: o Moderno ainda é a grande referência no que diz respeito à cidade, aos programas e às edificações;
- A não continuidade da crítica e do fazer, que caracteriza historicamente a arquitetura no Brasil, a partir do abandono do projeto de desenvolvimento, perpetua o foco nas décadas de 40 e 50, no que se refere às espacialidades e entendimento de uma cidade que seria destituída de um parcelamento fundiário tradicional (lotes justapostos voltados às vias);
- Há, claramente a não configuração de uma CULTURA DE PROJETO que pudesse nos dar referências de um passado histórico e, ao mesmo tempo, um desprendimento conseqüente para propor à cidade real e em transformação.

Estes aspectos apontados são trazidos à tona como reflexão possível acerca dos problemas enfrentados hoje pelo ensino de projeto nas nossas Escolas de Arquitetura.

Nossa tentativa é a de contribuir – a partir de uma rica experiência de ensino – ao entendimento de algumas possíveis causas da dificuldade que encontramos de conformar uma discussão densa e contemporânea, uma produção acadêmica significativa e uma contribuição efetiva da Universidade à sociedade brasileira.

#### **4. Referências Bibliografias de Apoio à Disciplina**

BORJA, Jordi. Espaço público, condição da cidade democrática. A criação de um lugar de intercâmbio.

[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq072/arq072\\_03.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq072/arq072_03.asp) acesso 070411

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. Local and global: the management of cities in the information age. London: Earthscan Publications Limited, 1997.

BORJA, Jordi; FORN, Manuel de. Políticas da Europa e dos Estados para as cidades. In: Espaço & Debates nº 39 (vol. XVI), 1996, p. 32-47.

BUSQUETS, Joan. Terreno baldio y potencial reestructurador. Quaderns D'Arquitectura I Urbanisme nº 214, Barcelona, Espanha, 1997.

DEL RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planeamento. São Paulo: Pini, 1990.

DIAS, Fabiano. O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/esp312.asp>>. Acesso em: 01 out. 2005

KOOLHAAS, Rem et al. Mutations. Barcelona: Actar, 2000.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce, WERLEMANN, Hans. S,M,L,XL . Nova Iorque: The Monacelli Press, 1995.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.

MEYER, Regina Maria Prospero et al. São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial do Estado, 2004.

MONEO, Rafael. Inquietud teórica y estratégia proyectual: em la obra de ocho arquitectos contemporáneos. Barcelona: Actar, s.d.

MORALES, José. Terrain Vague – Emplazamientos Incertos. Quaderns D'Arquitectura I Urbanisme nº 214, Barcelona, Espanha, 1997.

NESBITT, Kate (org.) Uma nova agenda para a arquitetura - antologia teórica (1965-1995). Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac&Naify, 2006.

PORTAS, Nuno: Tendências do urbanismo na Europa. In: Óculum nº 3 (vol. I). Campinas, FAU PUC, mar. 1993, p. 6-13.

PORTZAMPARC, Christian. A terceira era da cidade, In: Revista Óculum 9, Campinas: FAU PUC, 1992.

ROGERS, Richard. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territórios. Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

TSCHUMI, Bernard. Architecture and Disjunction. Cambridge: The MIT Press, 1997.